

- 4 DEZ 1986

# Renegociar a dívida

GAZETA MERCANTIL

por Cláudia Safatle  
de Brasília

"Moratória é a última etapa de um processo de estrangulamento. Nós não estamos num processo de estrangulamento. Temos US\$ 5 bilhões de reservas líquidas, sem as 'polonetas' (créditos de difícil recuperação)."

O ministro da Fazenda, Dilon Funaro, foi incisivo na defesa da "negociação" da dívida externa, durante debate de duas horas e meia no plenário do Senado Federal, onde foi explicar as razões das últimas medidas de ajustes do Plano Cruzado.

Logo em seguida o ministro embarcou para Nova York, onde participa, hoje e amanhã, de uma conferência sobre dívida e comércio, patrocinada pela comissão do senador Bill Bradley, democrata norte-americano.

"A negociação é um processo saudável e nós queremos retornar ao mercado

financeiro", disse o ministro, que espera em sessenta dias fechar a renegociação da dívida externa com o Clube de Paris e com os bancos privados internacionais.

"O governo brasileiro tem procurado manter-se na linha de uma nação responsável com seu povo e com as outras nações." Ele reiterou que no bojo da negociação o País manterá o seu relacionamento com o Fundo Monetário Internacional (FMI) apenas pelo artigo nº 4 do Estatuto do Fundo, que prevê uma missão técnica anual para avaliação da economia e um relatório final sobre a situação do País.

Segundo Funaro, "no momento em que acertarmos com o Clube de Paris, imediatamente queremos que eles reabram os créditos dos bancos oficiais ao Brasil, paralisados desde 1982".

Perguntado pelo senador Carlos Alberto (PTB/RN) se o governo seguiria a li-

nha proposta pelo PMDB, de moratória, Funaro revelou que o PMDB, segundo conversa que ele manteve com o deputado Ulysses Guimarães, presidente do partido, há três dias, pretende aprofundar a discussão sobre a questão da dívida externa, "mas não fará a afirmação de que pretende levar o País à moratória".

Na exposição que fez aos senadores, o ministro da Fazenda discorreu sobre a economia brasileira antes e pós-Cruzado, a situação de exacerbação da demanda interna a partir de junho último e o problema das altas taxas de juro que prevalecem hoje no mercado.

"O Plano Cruzado desintoxicou a economia pela desindexação. Mas não se pode imaginar que, numa economia com inflação de 300%, essa inflação simplesmente desaparecesse com a reforma monetária", insistiu o ministro da Fazenda, tentando mostrar que "pedir que os consumi-

dores de automóveis adiem suas compras para quando o mercado estiver mais estável, através da elevação do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), é pedir muito pouco para se fazer um ajuste na economia. A história nos mostra que foram necessários anos de recessão para se sair de uma inflação de 300%".

"A economia cresceu mas não conseguiu encontrar seu ponto de equilíbrio. No meio desse processo, porém, nós estamos conseguindo reduzir o desemprego e distribuir a renda, ao contrário dos últimos anos, quando se concentrou renda no País." Funaro disse que os CZ\$160 bilhões de arrecadação com o último "pacote" serão praticamente todos congelados para enxugar a demanda, e não utilizados para cobrir o déficit do setor público. Esta foi uma das perguntas dos senadores e o ministro disse que apenas CZ\$14 bilhões serão deslocados para financiar investimentos no setor de energia elétrica.

# Renegociar a dívida ext.

por Cláudia Safatle  
de Brasília  
(Continuação da 1ª página)

Para este ano, ele previu que o déficit público no conceito operacional fechará em menos de 2,5% do PIB e a dívida interna, cujo estoque era de CZ\$ 370 bilhões em março passado, deve ficar na casa dos CZ\$ 330 bilhões.

O senador do PDS/MT Roberto Campos criticou o ministro da Fazenda, durante a fase de debates no plenário do Senado Federal, de ter recebido um País com o setor externo equacionado e reservas cambiais de US\$ 9 bilhões e superávit na balança comercial de US\$ 12 bilhões.

"A economia cresceu, mas não conseguiu encontrar seu ponto de equilíbrio. No meio desse processo, porém, nós estamos conseguindo reduzir o desemprego e distribuir a renda, ao contrário dos últimos anos, quando se concentrou renda no País." Funaro disse que os CZ\$ 160 bilhões de arrecadação com o último "pacote" serão praticamente congelados para enxugar a demanda, e não utilizados para cobrir o déficit do setor público. Esta foi uma das perguntas dos senadores, e o ministro disse que apenas CZ\$ 14 bilhões serão deslocados para financiar investimentos no setor de energia elétrica.

Para este ano, ele previu que o déficit público no conceito operacional fechará em menos de 2,5% do PIB e a dívida interna, cujo estoque era de CZ\$ 370 bilhões em março passado, deve ficar na casa dos CZ\$ 330 bilhões.

A expectativa do ministro é de que a inflação do mês de novembro se situe na faixa de 3,5 a 4%, diante das medidas de realinhamento dos preços, e as especulações em torno de uma inflação, que vai de 2,4 a 8% — pelos diversos índices que estão orientando o mercado — justificam a

elevação das taxas de juro, que devem cair nos próximos dias.

A questão dos altos juros foi o assunto da intervenção de dois senadores, Jamil Haddad, do PSB/RJ, e Cid Sampaio, PL/PE. Funaro informou aos parlamentares que mandou fazer uma "blitz" em diversos bancos que estavam cobrando mais de 2,9% de juros para desconto de duplicatas e que o Banco Central, que coordenou essa investigação, exigiu que os bancos devolvessem aos seus clientes a diferença de juros cobrados a mais. Explicou que a taxa de juro que atingiu 200%, não foi para colocação de certificados de depósito bancário (CDB) junto ao público, mas sim cobradas no interbancário, para atender a problemas de liquidez. "Espero que se estabeleça um patamar mais reduzido dos juros, para compatibilizar as taxas com o congelamento de preços."

O senador Roberto Campos disse que o ministro da Fazenda "conseguiu fabricar uma crise cambial estritamente 'made in Brazil' e as reservas cambiais, segundo tenho informações, estão na faixa de US\$ 2 bilhões. O ministro dá-se conta da desorganização das exportações e desinvestimentos estrangeiros, em grande parte provocados pelo congelamento de preços".

Funaro admitiu que o controle de preços é "um problema, sem dúvida", mas "há momentos de transição onde é impossível regular somente pelas forças de mercado, num país que está sem capacidade de importações e com excesso de demanda". Sobre a discordância em torno do valor das reservas cambiais, Funaro respondeu que "fica minha palavra contra a sua", e informou que, além de alimentos, o País importou neste ano US\$ 3 bilhões em máquinas e equipamentos (importações financiadas).